

José Gomes Ferreira

# DIAS COMUNS VII

RASTO CINZENTO

De 1 de Janeiro de 1969 a 17 de Agosto de 1969

Diário



Desejaria que estes meus Diários, pertencentes como as restantes minhas obras à minha mulher e filhos, fossem publicados na íntegra.

Antes da publicação gostaria contudo que consultassem os meus amigos mais íntimos para qualquer amputação ou disfarce (a substituição pelas iniciais de alguns nomes, por exemplo).

Exijo no entanto que sejam *sempre* consultados o Carlos de Oliveira e o Alexandre Pinheiro Torres.

Lisboa, 7 de Março de 1976  
José Gomes Ferreira



Imprimam sempre esta sentença no princípio de *todos* os meus *diários*:  
Àqueles que ofendo, por ter sido mal informado, peço que me perdoem e continuem a sorrir para a imagem.



*1 de Janeiro de 1969*

Programa para o ano de 1969: realização de três livros:

*O Irreal Quotidiano,  
Tempo Escandinavo  
e Poesia IV.*

O ano de 1969 será pois para mim O ANO DAS  
INSÓNIAS.

\*

Ontem, na despedida do ano, estiveram em minha casa, além da família que veio festejar o aniversário do Alexandre, a Maria Virgínia e o Fafe.

Às 11 e meia apareceram inesperadamente a Maria e o Chico Keil e entrámos no novo ano a discutir (ainda!) os acontecimentos de Maio e a beber champanhe.

O Chico, aliás, sentia-se muito feliz por trazer aos ombros os 17 quilos de um capote à alentejana que o tornava numa espécie de figurino etnológico fugido às traças de um museu de trajes regionais.

\*

Ouvi agora mesmo a mensagem do ano novo do nosso Chefe de Estado que me fez corar de vergonha pela pedanteria parva de dar conselhos à Europa e ao Mundo Ocidental.

Quanto à liberdade em Portugal – nem uma palavra! E do Marcelo pouco falou.

O Abelaira:

– O Tomás escreveu o discurso a pensar todo o tempo que o Salazar já lê jornais.

Aumentaram os quadros da PIDE – anunciam os jornais, A liberalização continua.

\*

O Zé Fafe:

– O Marcelo viu-se aflito para evitar a realização de um duelo à pistola entre o Camilo de Mendonça e o Casal-Ribeiro em virtude do discurso deste último na Assembleia Nacional que tanto escândalo causou nos meios políticos da Situação – ainda pouco habituados a ataques oratórios! Não nos esqueçamos de que o Silêncio e o Açame têm sido a regra dos deputados de 1926 até hoje!

\*

De um artigo de Álvaro Ribeiro, publicado em Dezembro do ano passado no *Diário de Notícias*:

«As notas lucidíssimas sobre o Juízo, como processo mental transitivo da opinião para a verdade, revelam que a personalidade filosófica de Afonso Botelho realizou um aprofundamento mental que é de excepção entre nós, mas que pelo conteúdo de réplica à crítica de Kant nos parece um sinal verídico de superioridade da filosofia portuguesa sobre a filosofia alemã.»

Como vêem, a nossa cultura desceu ao mais baixo nível da imbecilidade voluntária – pois não acredito que o A. Ribeiro, que conheci muito bem, faça esta afirmação, convicto de que a boca dele seja a boca de fogo da verdade.

\*

Em Poesia o meu problema principal foi sempre este: o de limitar a exaltação. É o que estou a tentar fazer neste momento em que iniciei a minha luta para obter cristais nesse jorro em cachão a que chamo *Encruzilhada*.

*3 de Janeiro*

Qual o primeiro poema da série?... Talvez este, para não fugir à tradição de expor a arte poética no início de todos os meus livros:

*Poesia*

*– meu despudor de gritos velhos,  
máscara de chamas  
que escondia de mim mesmo a Encruzilhada.*

*Abre-te agora no pudor desta boca  
que me purifica.*

*Fala-me da solidão, do frio e do nada  
– em cifra.*

Trabalhei hoje durante duas horas na *Encruzilhada* e suponho que encontrei a sequência dos poemas com o sentido necessário. Primeiro, o clima da Confissão Impossível, Depois a realidade total. No fim, a ponte para a outra série, a do *Idílio de Recomeço*.

\*

Na noite da passagem do ano, cerca de 200 católicos progressistas «contestaram» o Cardeal na Igreja de São Domingos, acusando-o de ter sofismado a Ordem do Papa no sentido de dedicar a homília desse dia à Paz Abstracta, quando entre nós existe uma guerra bem concreta no Ultramar, com mortos e feridos.

Por fim, o grupo de que faziam parte 10 padres jovens esteve em vigília até às seis da manhã a cantar à viola baladas litúrgicas.

\*

Hoje, encontrei o Alexandre Pinheiro Torres que passou as férias do Natal no Porto. Parte na segunda-feira para Londres – e está radiante com a sua nova promoção.

Agora, além da literatura portuguesa, *dá em inglês* aulas de teoria literária.

– Trabalho como um cão. Imagine que tenho de escrever todas as lições em inglês.

\*

No dia seguinte à nomeação do Marcelo pelo Tomás, a mulher e a filha do Presidente foram ao dentista Araújo da Rua Ribeiro Sampaio.

– Então o seu Pai lá nomeou o Marcelo! – comentou o dentista para não estar calado.

– Graças à minha mãe que bem influiu nesse sentido – explicou a filha.

A pequeníssima história numa História já de si pulha e pequena.

\*

Na Rádio, *A Salomé* de Strauss. Ouço, distraído, e, de vez em quando, acordo com um longo uivo wagneriano, ao mesmo tempo deslocado e certo naquela gorda partitura de mau gosto, que, para lhe desculparmos a carência de dramatismo, costumamos classificar de *música teatral*.

Detesto, da raiz dos nervos, esse tal Strauss – o Strauss dos poemas sinfónicos e das óperas. Dá-me vômitos. Considero-o a mais na História da Música – espécie de ponte de coisa nenhuma para o nada.

Na realidade a linha tinha talvez parado em Wagner, para continuar depois, criadora, em Schönberg. (Ideia assente que será talvez necessário rever. Rever sempre! Rever tudo! Que chatices!) Strauss é um elo-nenhum. Intervalo – em que se ouve música por ser intervalo.

#### *4 de Janeiro*

Na Rádio: *Jenufa* de Janáček – ópera que ouvi pela primeira vez – suponho. Em checo.

Um Mussorgski com voos de morcego.

Música às escuras.

\*

O meu desdém por Strauss de onde proveio? Em linha recta do Lopes Graça que tanta influência teve na minha geração? Ao princípio, talvez. Mas agora é bem meu. Pessoal, livre, consciente. Strauss dá-me voltas ao estômago pelo inautêntico daquele wagnerismo recuado. Outras

repulsas, recebidas pela mesma via Lopes Graça, repeli-as mais tarde. Tal como a incompreensão de Brahms ou o ódio às Sinfonias Alemãs desdenhadas pelas suas dimensões gigantescas e intenções pastosamente metafísicas. Como as de Mahler, por exemplo, que tanto admiro hoje com paixão verdadeira. Mas o Strauss, nunca! É o nada mascarado de música.

\*

Poucas pessoas exerceram tanta influência no gosto público como o Graça – um dos homens mais dedicadamente admirado e servido não «oficialmente» no seu tempo. Seja dito também, em louvor à verdade, que nunca pôs directamente essa influência ao serviço da sua glória e propaganda. E, em alguns domínios, conseguiu transformações notáveis como no da Canção Popular Portuguesa, onde aniquilou de vez o sórdido sol-e-dó da canção à moda do Minho com zabumba substituindo-o pelas belas melodias bárbaras espalhadas pelos *canários* através da televisão, da rádio e dos discos.

Afirme-se também que, em muitos casos, essa mudança não foi fácil, porque o Graça tinha um rival poderoso; o SNI e os Serões de Trabalhadores com vedetas de três ao vintém a berrarem canções absurdamente fáceis «harmonizadas à americana» pelo Belo Marques.

Os *canários* começaram por ser um coro político fundado em 1945, para entoar as canções por ele compostas um mês antes na Casa do Pinhal do Senhor da Serra.

Estou a vê-lo com menos de trinta anos a ensaiar no sótão do Largo da Trindade onde estava instalada a sede do MUD.

Desse grupo inicial faziam parte, se bem me recordo, algumas personagens hoje célebres, como o José Cardoso Pires e o Cesariny (este último, com grande vocação musical, chegou em certa altura a reger o coro).

E, durante anos, esse grupo andou pelos Clubes Populares a cantar *As Papoilas e Mãe Pobre* – enquanto a Maria Barroso, verdadeira Musa da Resistência, recitava versos dos «seus poetas» como ela sempre diz. Quando essas digressões se tornaram impossíveis pela intromissão da PIDE, o Lopes Graça resolveu, não sem várias resistências, dar outro conteúdo de Propaganda ao coro: o da autêntica Canção Nacional. E, de um dia para o outro, esses simpáticos rapazes que cantavam o *Não fiques para trás, ó Companheiro* e o «*Ó pastor que choras*» começaram a gemer loas lindíssimas à Nossa Senhora e canções de romaria. É um exemplo que merece realce por ser raríssimo no nosso país esse sacrifício de convicções ideológicas em favor de ideologias adversas, mesmo com altura artística. Assim, por exemplo, apesar de ateu, ou, pelo menos agnóstico, o Graça nunca hesitou em elevar às nuvens as belíssimas canções do Natal português.

Garanto-vos que já me tenho comovido, não direi até às lágrimas, mas até ao riso, quando ouço aqueles marmanjões do coro, todos, mais ou menos, com ideias consideradas subversivas a curvarem-se diante do Menino Jesus e a acariciá-lo com vozes de mãos doces. O mesmo Jesus, a Virgem Maria, o São José e toda a sagrada Família!

E ainda lhes chamam sectários!

Não, não são. São um exemplo vivo de tolerância e amor pela Arte.

## 5 de Janeiro

Tentativa de completar o *Baile na Névoa*. Mas para isso, preciso, antes de mais nada, de saber o que pretendo dizer com aquele Baile, além do que é evidente; a realidade atravessada de sonho.

Talvez isto apenas; engrandecer o *amor de passagem* com Deus, a Morte e a Solidão.

Os sentimentos efémeros dominam os homens em profundidade.

## 6 de Janeiro

Encontro da última frase do *Baile na Névoa*:

«O uísque sabe melhor com a morte dissolvida.»

\*

Começou o concurso para Professores de Arquitectura para a Escola Superior de Belas Artes de que o Raul José foi excluído pela PIDE. Eis o título do tema que um dos concorrentes, o Arq. Formosinho Sanches versou hoje: «Espaços polivalentes adaptados à ocupação de tempos livres.»

Amanhã o outro concorrente, o Nuno Portas, versará o tema: «Projecto de um Departamento de Arquitectura, Desenho Urbano e Desenho Industrial integrado no conjunto de espaços para o Ensino Superior das Artes e Planeamento Territorial e a construir como parte do Complexo Universitário de Lisboa.»

O Manuel de Azevedo no Palladium:

– Para mim, bastariam estes títulos para os reprovarem.

Eu:

– Pelo contrário: é um pedantismo que os elevará à cátedra!

Cátedra? Professores de Arquitectura a ditarem leis de cátedra? Não me soa bem. (Preconceito? Confusão de uma Escola com uma Oficina de Artes e Ofícios?)

### *7 de Janeiro*

Terminei o *Baile na Névoa*. (Falta apenas burilá-lo com atenção, *Apenas* burilá-lo, hem?) Acabou por ser muito diferente do que planeei. No primeiro esboço limitava-me a contar a história de um sonho erótico durante uma dança num Baile de fim de ano. Mas, pouco a pouco (escrever é criar), fui acumulando episódios paralelos. A Marta, deitada na neve do cais, sugeriu-me a figura de Matilde na areia de uma praia. Depois acrescentei-lhe a Morte como perversão sexual. Matilde, no momento de amor, dizia que tinha a mãe a morrer etc. para tornar profundo o efémero.

Por fim fi-la morrer de parto, aos beijos ao filho recém-nascido, e a estudar-lhe as feições para ver se lhe descobria quem era o pai...

Creio que resultou um conto rico de sonho, morte e solidão... aliás as três luas do meu *Tempo Escandinavo*.

\*

Reli-o agora e ficou-me a magoar a seguinte pergunta: com este entrelaçar de histórias terei cedido a modas

recentes ou limitei-me a levar às últimas consequências certos tiques de estilo pessoal?

E não haverá, em alguns passos, influência do Abelaira? Ou serão apenas duas experiências paralelas – dadas certas semelhanças iniciais que existem entre o Abelaira e mim?

Preciso de analisar o caso com muita atenção – e não cair na facilidade de aceitar tudo o que me vem à pena, na volúpia de encher o papel para fazer livros desnecessários.

### *8 de Janeiro*

Palladium. Conversa com o Magalhães Godinho que me entregou o 2.º volume dos seus ensaios – livro notabilíssimo. (A maioria dos estudos insertos no volume já os conheço – parece-me – do Dicionário de História.)

Tema principal da conversa em que a certa altura interveio o Nikias. Tema principal: o Marcelo Caetano que anuncia para hoje, às 10 horas, uma comunicação ao país pela Rádio e pela Televisão.

– Prefiro ir à conferência do Sena... – confessa o Magalhães Godinho.

O Abelaira, também. E eu concordo com os dois. Apenas esta noite estou convidado para um jantar e não poderei ir ouvir o bom Catedrático à Sociedade Nacional de Belas-Artes. Ouvirei talvez o nosso Chefe Caetano se o Dr. Freitas e a mulher, a cuja casa vou jantar, estiverem dispostos a essa maçada.

Mais notícias: os carteiros entregaram hoje uma representação a pedirem aumento de ordenado. (Ganham um conto e duzentos por mês.) Para esse fim concentraram-se no Terreiro do Paço 800 homens em silêncio protestativo.

Os empregados dos Caminhos de Ferro a quem aumentaram os salários apenas 12%, resolveram andar três dias de luto com braçadeiras pretas.

Prelúdio de agitação.

*9 de Janeiro*

O Patriarcado enviou para os jornais uma nota sobre a «contestação» dos jovens católicos na Igreja de S. Domingos, em que destaco os seguintes períodos finais:

«Alguns animadores do grupo informando que se tratava de um tempo de oração pela Paz, obtiveram autorização para essa permanência (numa vigília em favor da Paz). O carácter tendencioso da reunião foi-se, porém, revelando ao longo dela e acabou por ser publicamente confirmado por um manifesto em que se contestava a Nota Pastoral do Episcopado sobre o Dia da Paz, nomeadamente por nela se não condenar a política ultramarina do Governo Português. A presença activa do reverendo pároco conseguiu um mínimo desejável de ordem, cortando a tempo as expressões de carácter mais dúbio.

Manifestações como esta, que acabam por causar grave prejuízo à causa da Igreja e da verdadeira Paz, pelo clima de confusão, indisciplina e revolta que alimentam, são condenáveis, e é de lamentar que apareçam comprometidos com eles alguns membros do Clero que por vocação e missão deveriam ser não os contestadores da palavra dos seus bispos, mas os seus leais transmissores.»

\*

Vi e ouvi ontem na Televisão o Marcelo Caetano – olhos de mocho num cenário bastante feio, sentado a uma secretária com um muro de microfones em frente para o público não ver que estava a ler o discurso, escrito em estilo de sebenta que já era o preferido pelo Salazar. Apenas ele empregava-o em falácias pedantes, compostas laboriosamente para as pessoas não perceberem e acharem geniais.

O Caetano usa a tática contrária: a de simplificar, como se falasse para analfabetos. Ontem, por exemplo, explicou o que era um orçamento etc. e tal.

Toda a gente sentiu que o nosso homem estava preocupado com a hipótese do alastramento da crise social, já esboçada aqui e ali, em virtude da subida do custo de vida – na verdade, asfixiante, diz-me a Rosalia.

\*

O Jorge de Sena, ontem, no fim da sua conferência na Sociedade das Belas Artes, foi vaiado por um grupo de jovens maoistas. (Qual maoistas! Refilou o Abelaira. – Jovens apenas.)

A conferência – na opinião de Magalhães Godinho e outros – foi muito frágil. Sem peso de âncora.

### *10 de Janeiro*

Pobre José Régio! Atravessa um mau momento que ele, aliás, anda a preparar desde 1940, fechando-se a ferrolho hostil nas suas pequeníssimas verdades – (e haverá verdades pequenas?)

Ai do artista que, aos primeiros êxitos, supõe o problema resolvido para sempre – e não procura outra verdade difícil. Ai do poeta que não deseja que *a aventura se prolongue...* Prolongue, prolongue até à resolução. Até o problema já não caber em garras envelhecidas.

Régio convenceu-se (e convenceram-no) – e até era verdade – de que havia atingido o nível da Poesia mais Alta. E de que bastaria tocar nas palavras para lhes fazer rojar sangue e água do primeiro dia do Engendrar do Mundo.

Mas nós somos sempre menores do que somos – visto que a medida exacta pertence sempre aos outros e não ao metal-absoluto de nós mesmos. E aí temos o José Régio repellido pela juventude actual – não com a timidez respectiva dos jovens neo-realistas de 1940, mas com a agressividade da gente moça de hoje que não tem papas na língua, mas lâminas e verdades abertas em navalhas nítidas. O artigo de Eduardo Prado Coelho publicado ontem no Suplemento do *Diário de Lisboa* é dessa ferocidade – embora em certos passos, mansa... pé ante pé, com receio de ser injusto.

E é. Sobretudo por não dar valor a esta injustiça tão sentida pelos poetas: a de que não há maneira de deter a vida exactamente naquele instante preciso em que a sua Poesia parece a última luz possível, a Derradeira Língua dos Deuses descida à Terra.

Pobre Régio! Que está a assistir em vida ao que, dantes, geralmente, só acontecia aos artistas depois de mortos...

E nada há a fazer, Régio!

Recomeçar, talvez. Tentar recomeçar. Como eu já fiz uma vez. Mas é tão difícil. Às vezes é tão biologicamente difícil!

\*

Encontrei o João José e o Carlos de Oliveira, entristecidos com o artigo do E. Prado Coelho sobre o Régio. Colaborei na tristeza geral, a meditar como é preciso arrojo para tocar num Monstro Sagrado, há tanto tempo incólume.

– Não tardará a vez de Fernando Pessoa! Confidenciou-me em certa altura o Carlos de Oliveira.

\*

Entretanto, recebi uma carta simpatiquíssima do Carlos Drummond de Andrade a acusar a recepção dos meus três livros de poesia e a confessar-se meu amigo.

No fecho da carta, como que a queixar-se indirectamente do mau momento de tirania por que passa o Brasil, fala de «esperança de melhores tempos para todos nós».

Gostaria de conhecer pessoalmente o Carlos Drummond de Andrade. Deve possuir esta coisa rara: inteligência de coração. A escrever, pelo menos, adivinha o que deve dizer para tornar de veludo quente as pontes de sangue que ligam os indivíduos perdidos nas suas ilhas de morte.

### *11 de Janeiro*

O Carlos de Oliveira trouxe para o Café um número do *Jornal do Oeste* publicado em Rio Maior que lhe fora enviado por um tal José dos Santos Stockler que anda a perseguir-nos com o seu sonho de ser considerado poeta. Como esse número do *Jornal do Oeste* traz um artigo sobre o *Diálogo com o Norte*, a última produção de Stockler,